

ENTRE CIÊNCIA E SENTIDO: A RUPTURA DE FARIAZ BRITO COM O POSITIVISMO

*BETWEEN SCIENCE AND MEANING: FARIAZ BRITO'S BREAK WITH
POSITIVISM*

Halwaro Carvalho Freire

Faculdade Católica de Fortaleza, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v3i2.124>

RESUMO: A filosofia de Raimundo Farias Brito se afirma, antes de tudo, como reação às correntes dominantes de seu tempo, em especial ao positivismo e ao cientificismo monista, cuja pretensão de reduzir o pensamento ao domínio técnico-científico é frontalmente recusada. Contra esses sistemas, Brito defende que a filosofia só encontra legitimidade quando interroga os princípios últimos da realidade, tarefa que apenas a metafísica pode cumprir. Sua crítica à modernidade não se limita, contudo, à denúncia das insuficiências do positivismo: ela se estende também ao criticismo kantiano, ao qual opõe uma tentativa de restaurar a unidade do saber. Nesse itinerário, a metafísica surge não como tema periférico, mas como eixo estruturante da razão, da moral e da própria possibilidade do filosofar. Com base na análise de textos fundamentais e em diálogo com intérpretes, o artigo mostra como Brito empreende um esforço singular de reconciliação entre ciência, ética e metafísica. Conclui-se, assim, que em sua obra a metafísica desperta como fundamento da busca filosófica por sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Positivismo; Metafísica ; Modernidade; Filosofia do espírito.

ABSTRACT: Raimundo Farias Brito's philosophy asserts itself, above all, as a reaction to the dominant currents of his time, particularly positivism and monistic scientism, whose attempt to reduce thought to the technical-scientific domain he openly rejects. Against these systems, Brito maintains that philosophy only attains legitimacy when it interrogates the ultimate principles of reality—a task that only metaphysics can fulfill. His critique of modernity, however, is not limited to denouncing the shortcomings of positivism: it also extends to Kantian criticism, to which he opposes an effort to restore the unity of knowledge. In this trajectory, metaphysics emerges not as a peripheral theme but as the structuring axis of reason, morality, and



the very possibility of philosophizing. Based on the analysis of fundamental texts and in dialogue with interpreters, the article demonstrates how Brito undertakes a singular effort to reconcile science, ethics, and metaphysics. It concludes, therefore, that in his work metaphysics awakens as the foundation of the philosophical quest for meaning.

KEYWORDS: Positivism; Metaphysics; Modernity; Philosophy of spirit.

Introdução

Ao longo da história da filosofia brasileira, poucos pensadores formularam uma crítica tão sistemática e profunda ao positivismo quanto Raimundo Farias Brito. Em sua análise, o positivismo comtiano representa a tendência de reduzir a realidade a explicações mecanicistas, negligenciando a dimensão espiritual e moral do ser humano. Tal postura, segundo ele, empobrece a compreensão da existência e compromete a busca por um sentido último da vida. Como observa Paim (1999, p. 210), “Farias Brito não se opõe à ciência, mas ao seu reducionismo: ele aponta que, ao afastar-se do metafísico, a ciência perde o seu sentido último, tornando-se uma mera técnica”.

A crítica britiana, entretanto, não se limita a uma recusa. Ela nasce da exigência interna da razão filosófica de restaurar a unidade entre ciência e metafísica, entre ser e dever-ser, entre conhecimento e valor. Essa tarefa exige a rejeição da redução materialista promovida pelo monismo científico e a superação das barreiras impostas pelo criticismo kantiano. Oliveira (2002, p. 145) sublinha que, “para Farias Brito, a verdadeira filosofia não pode reduzir a realidade a um conjunto de dados empíricos, mas deve buscar suas raízes no absoluto, onde ciência e religião se encontram”.

Dessa forma, o projeto filosófico de Brito vai além da crítica negativa e busca uma reconstrução capaz de reconciliar a racionalidade científica com a profundidade metafísica. Como enfatiza Oliveira (2002, p. 152), “o grande mérito de Farias Brito é a capacidade de construir uma ponte entre a razão científica e a espiritualidade, sem que se percam os elementos fundamentais de ambas as esferas”. Essa proposta revela-se, assim, como um esforço de superação da dicotomia moderna entre ciência e metafísica.

A valorização da metafísica conduz também a uma renovação da reflexão ética. Para Brito, a moral não pode ser reduzida a convenções sociais ou empirismos sociológicos, mas deve se enraizar na própria estrutura do ser. Nessa perspectiva, a ética aparece como desdobramento

da ontologia, reafirmando a inseparabilidade entre filosofia, vida e compromisso prático. Paim (1999, p. 212) ressalta que “a filosofia de Farias Brito não é um exercício teórico desvinculado da vida, mas uma ferramenta para transformar a realidade social e moral, articulando a razão com um compromisso ético e espiritual”.

Situado no final do século XIX e início do XX, Brito se destaca como uma voz dissonante em meio à hegemonia do cientificismo, do positivismo comtiano e de correntes como o evolucionismo e o neokantismo. Ao afirmar que a filosofia só se constitui plenamente quando se orienta para os princípios últimos da realidade, Brito propõe recolocar a metafísica no centro da atividade filosófica. Nesse itinerário, sua obra se configura como uma tentativa singular de restaurar a coesão entre ciência, metafísica e moral, projetando uma filosofia ao mesmo tempo crítica, sistemática e profundamente engajada com o sentido da existência.

A crítica de Raimundo Farias Brito ao positivismo

A crítica de Raimundo Farias Brito ao positivismo, ao evolucionismo e mesmo ao criticismo kantiano não decorre de mero desacordo metodológico ou de uma simples disputa teórica com correntes em voga. Ela nasce de uma convicção mais profunda: a de que tais orientações filosóficas incorrem em uma falha decisiva, a saber, a negligência daquilo que torna o pensamento verdadeiramente filosófico, a pergunta pelo fundamento, pela origem e pelo sentido último da realidade. Para Brito (2012a), é precisamente essa dimensão que distingue a filosofia de qualquer outro saber. Quando a reflexão abdica desse horizonte absoluto e se contenta em lidar apenas com a esfera dos fenômenos empíricos, ela deixa de ser filosofia e se converte em técnica, sociologia ou ciência natural.

Nesse sentido, sua obra se configura como um gesto de ruptura com o espírito dominante de sua época. O fim do século XIX no Brasil foi marcado pela recepção calorosa do positivismo comtiano, pela influência de um cientificismo triunfante e pela difusão de um pragmatismo intelectual que tendia a considerar a metafísica como um resquício estéril da especulação medieval ou idealista. A filosofia era frequentemente concebida como um saber auxiliar das ciências positivas, incapaz de oferecer qualquer contribuição efetiva para a compreensão do mundo ou para a organização da vida social. Brito, ao contrário, sustenta que a metafísica não é um luxo

teórico, mas o solo originário de onde brota qualquer reflexão autêntica sobre o ser, a moral e a unidade do saber.

É nesse contexto que se comprehende a força de sua crítica ao positivismo. Enquanto Comte propunha substituir a especulação metafísica pela observação positiva, reduzindo a filosofia à ciência de seu tempo, Brito entendia que esse movimento implicava um empobrecimento drástico da razão. Ao afastar-se da interrogação pelo absoluto, a filosofia positivista mutilava a si mesma, renunciando à sua tarefa maior: oferecer uma concepção do universo capaz de iluminar a conduta humana. O mesmo se pode dizer em relação ao evolucionismo, que, ao pretender explicar a totalidade da vida por mecanismos de adaptação e transformação natural, deixava de lado a questão do sentido. Já o criticismo kantiano, ainda que mais sofisticado, mantinha a filosofia aprisionada nas condições formais da experiência possível, interditando o acesso ao ser em sua totalidade.

Essa tomada de posição não surge de forma repentina em sua obra madura, mas se delineia desde os primeiros gestos filosóficos. Nos artigos publicados no jornal *Libertador* de Fortaleza, em 1886, Laerte Ramos de Carvalho (1977) identificou o embrião de um pensamento que, desde cedo, buscava sistematicamente os fundamentos do real. Mesmo em escritos iniciais, Brito não se contentava com análises parciais ou descriptivas: havia ali o impulso de pensar o todo, de interrogar a totalidade da existência a partir de uma perspectiva unitária.

Esse movimento ganha maior densidade em sua obra *Finalidade do mundo*, especialmente em seu primeiro volume. Para Carvalho (1977, p. 38), trata-se do coroamento de uma crítica abrangente aos pressupostos ideológicos da chamada Escola do Recife. O ponto central, contudo, é que essa crítica não se faz a partir de fora, mas no interior do diálogo com Tobias Barreto. O monismo naturalista barretiano, que buscava explicar a realidade a partir de um ponto de vista científico e materialista, é superado por Brito não por negação exterior, mas como exigência interna à própria razão filosófica. Assim, ele dá continuidade ao espírito renovador de Barreto, mas leva esse impulso a outra direção: em vez de reduzir a filosofia à ciência, recoloca a metafísica no centro da reflexão.

O que confere unidade e profundidade a todo esse itinerário é, portanto, a reafirmação da metafísica como condição da filosofia. Para Brito, a metafísica não é apenas uma disciplina entre outras, mas o horizonte que dá inteligibilidade à totalidade da experiência humana. Sem ela, a razão se fragmenta em saberes parciais, incapazes de dialogar entre si e de oferecer

uma orientação efetiva para a vida. Com ela, ao contrário, ciência, moral e religião encontram um ponto de convergência. Sua filosofia é, assim, um esforço constante de restituir a coesão do saber, superando a fragmentação moderna que separou fato e valor, ciência e ética, ser e dever-ser.

Essa convicção aparece de forma exemplar em um de seus trechos mais célebres:

A filosofia é, pois, para todos os pensadores, uma concepção do universo: mas cada um deduz, dessa concepção do universo, a norma de sua conduta, conforme o seu modo de compreender a significação da natureza (BRITO, 2012a, p. 137).

A partir dessa afirmação, comprehende-se que, para Brito, a filosofia não é mera contemplação teórica, mas também orientação prática. Cada concepção do universo implica necessariamente uma ética, um modo de vida, uma maneira de organizar a existência individual e coletiva. É nesse sentido que sua obra não se limita a criticar o positivismo: ela busca oferecer uma alternativa, uma filosofia capaz de unificar teoria e prática, ciência e espiritualidade, razão e moral.

Por isso, a crítica ao positivismo não deve ser lida como resistência conservadora ao avanço da ciência, mas como esforço para recolocar a razão em sua plenitude. Brito não rejeita a ciência, mas a subordinação da filosofia a ela; não nega o progresso técnico, mas sua absolutização como único critério de verdade. O que ele reivindica é que a filosofia recupere sua tarefa originária: a de interrogar o fundamento último, sem o qual a própria ciência perde seu sentido mais profundo e se converte em mera técnica de domínio da natureza.

Assim, sua filosofia se apresenta como um gesto de ruptura e, ao mesmo tempo, de reconstrução: ruptura com o positivismo, o evolucionismo e o criticismo kantiano; reconstrução de um horizonte no qual a metafísica, longe de ser um resquício do passado, ressurge como condição mesma da razão, como o solo indispensável para pensar o ser, a moral e a totalidade da experiência humana.

A busca de um fundamento absoluto

A crítica de Farias Brito ao positivismo, especialmente ao sistema de Auguste Comte, não se limita à identificação de falhas pontuais ou excessos metodológicos; trata-se de uma objeção estrutural, enraizada na convicção de que a exclusão da metafísica representa uma mutilação essencial da

razão filosófica. Para Brito, toda filosofia genuína exige o reconhecimento da possibilidade de um saber sobre os princípios últimos da realidade. Ao interditar a investigação das causas primeiras e ao rechaçar a ideia de absoluto, o positivismo, longe de representar um avanço, constitui, na verdade, uma regressão do espírito filosófico. Nas palavras do autor: “É preciso dizer francamente: a filosofia do Sr. Augusto Comte é a negação pura e simples da filosofia” (BRITO, 2012b, p. 52).

O erro fundamental do positivismo, segundo Brito, consiste em “confundir a ciência com a filosofia e, por essa confusão, suprimir, eliminar ou inutilizar o elemento metafísico” (BRITO, 2012b, p. 52). Trata-se de uma negação das próprias condições do filosofar: “Se a filosofia é a investigação das causas, a filosofia positiva é a abolição da filosofia” (2012b, p. 46). A razão, privada da metafísica, torna-se incompleta, estéril, prisioneira da aparência. Por isso, Brito reafirma que a tarefa do pensamento é “reconduzir a ciência ao seu verdadeiro princípio: o espírito, o pensamento, o ser espiritual” (BRITO, 2012b, p. 92). Sua crítica ao positivismo é, portanto, inseparável de sua defesa da metafísica como eixo estruturante da filosofia.

A crítica de Brito ao cientificismo e ao positivismo expressa uma insatisfação radical com a limitação epistemológica da razão moderna, que exclui o ser e o absoluto do âmbito do conhecimento legítimo. Essa insatisfação é a força motriz que anima o esforço britiano em reconstruir uma filosofia que ultrapasse o empirismo e o formalismo, promovendo uma síntese entre ciência, ética e metafísica. Conforme assinala Antônio Paim, é fundamental uma filosofia que tenha como finalidade no final do século XIX “uma retomada da metafísica que não se reduz a meras especulações, mas que funda uma concepção de razão capaz de apreender o absoluto e restabelecer a unidade entre ciência e vida” (PAIM, 2001, p. 132).

Nesse horizonte, Farias Brito dirige também sua crítica ao monismo científico, representado por autores como Haeckel, Noiré, Büchner e Moleschott. O monismo, ao tentar fundar a unidade do saber na homogeneidade da matéria, incorre, segundo Brito, numa redução ilegítima do real, que compromete os domínios do espírito, da moral e da liberdade. Para o filósofo, essa doutrina científica, sob o pretexto de unificação, opera uma amputação da realidade: “O que o monismo quer é uma explicação total da realidade, mas só vê esta realidade pelo lado material” (BRITO, 2012b, p. 92).

Essa limitação não é apenas metodológica, mas ontológica: ao suprimir a interioridade, o monismo anula o próprio sujeito do conhecimento, dissolvendo a consciência na inércia das forças físico-químicas. Brito insiste, então, na necessidade de restaurar a metafísica como única via para pensar o ser em sua integralidade: “*Não se trata de negar o valor da ciência. Trata-se de mostrar que, fora do espírito, não há realidade verdadeira, não há unidade nem fundamento possível*” (BRITO, 2012b, p. 96). Sua crítica ao monismo, portanto, é inseparável de sua defesa de uma filosofia do espírito, cuja tarefa consiste em reconduzir a razão à sua origem metafísica. A filosofia monística é, pois, “uma filosofia incompleta, porque não considera senão um dos aspectos do ser” (BRITO, 2012b, p. 93).

Contra o kantismo, Farias Brito não rejeita a crítica da razão, mas a leva a um nível mais profundo, radicalizando sua tarefa e exigindo que ela não abandone a possibilidade do absoluto. Brito afirma que “*a crítica, como a entendia Kant, é uma coisa incompleta; não se pode separar o conhecer do ser*” (BRITO, 2012b, p. 91). Tal perspectiva revela sua convicção de que “*só a metafísica pode dar unidade à ciência e à vida*” (BRITO, 2012b, p. 145). Antonio Paim (1999, p. 142-145) observa que, para Brito, a crítica kantiana foi um ponto de partida que exigia superação, pois ao limitar o conhecimento aos fenômenos, Kant excluiu o absoluto da esfera racional e tornou a filosofia incapaz de oferecer unidade ao saber.

A filosofia de Raimundo Farias Brito distingue-se, assim, por sua postura metacrítica diante da modernidade, na qual a reintegração da metafísica ao cerne da reflexão racional é condição *sine qua non* para uma filosofia autêntica. Segundo o próprio Brito, “*a filosofia começa onde a ciência termina: começa com a interrogação sobre o ser, com a exigência de um princípio absoluto*” (2012b, p. 7).

Essa postura crítica é ressaltada por Fred G. Sturm, que identifica em Brito uma antecipação das preocupações existencialistas e fenomenológicas. Sturm observa que, embora Brito não tenha tido contato direto com essas correntes, seu pensamento apresenta paralelos significativos: “*Há na metodologia proposta por ele, e no programa filosófico anunciado por ele, um paralelo com a fenomenologia atual*” (STURM, 1962, p. 91). Além disso, Brito critica a psicologia científica por sua abordagem reducionista da alma, afirmando: “*Os psicólogos modernos [...] fazem desta questão da alma uma questão de pura fisiologia [...] e foi daí que se originou o pensamento de uma Psicologia sem alma*” (BRITO, 2012c, p. 383).

Por fim, Silva (2021), em seu artigo *Farias Brito e a crise da modernidade*, destaca que o filósofo cearense via na exclusão da metafísica pelas correntes filosóficas modernas uma das causas do relativismo e do ceticismo contemporâneos. Para ele, a proposta britiana passa pela retomada da metafísica, numa abordagem naturalista, em vista de uma nova concepção de religião que pudesse garantir unidade e coesão social.

A reintegração do ser e do dever-ser na filosofia de Farias Brito

Em Farias Brito, a reflexão ética encontra-se indissociavelmente vinculada à metafísica. A moral não se configura como um campo autônomo de normas práticas, convenções sociais ou preceitos utilitários, mas como desdobramento necessário de uma visão de mundo articulada filosoficamente. O agir moral, nesse horizonte, não se sustenta sem um fundamento ontológico capaz de conferir unidade e inteligibilidade à experiência. Como afirma o próprio autor, “questão moral [...] só pode ser estudada em face das verdades gerais proclamadas pela investigação filosófica” (BRITO, 2012c, p. 66).

Essa concepção implica uma reorientação decisiva no estatuto da ética. Longe de reduzir-se a uma doutrina de costumes ou a uma ciência normativa, a moral surge como expressão derivada de princípios metafísicos fundamentais. Nesse sentido, o momento ético exige, como condição de possibilidade, uma convicção enraizada em verdades universais que precedem e fundamentam a ação. Como adverte Brito: “É indispensável partir do conhecimento do mundo para o conhecimento do homem, e somente depois de conhecer a marcha geral do universo se pode estabelecer preceitos e regras para a conduta moral” (BRITO, 2012c, p. 70).

O compromisso com a metafísica torna-se ainda mais expressivo quando contrastado com a trajetória intelectual de Tobias Barreto, com quem Farias Brito manteve uma relação formativa. Tobias aderira, ao longo de sua vida, a diversas correntes, do ecletismo espiritualista ao positivismo, passando pelo monismo de Haeckel e Noiré e, a partir de 1884, ao neokantismo. Farias Brito foi seu aluno entre 1882 e 1883, justamente no período em que Barreto se encontrava sob influência do monismo. No entanto, não há registros de que o jovem acadêmico tenha se identificado com essa orientação. Nenhum traço de monismo aparece em seus escritos, o que sugere uma inflexão precoce rumo a outra perspectiva filosófica,

mais preocupada com a estrutura do ser do que com as reduções fisicalistas do real.

Essa orientação se confirma nos escritos posteriores, especialmente em *A Finalidade do Mundo*, em que Brito afirma de modo contundente que “a ciência só pode ser completa quando se liga à metafísica, porque só esta lhe pode dar unidade e finalidade” (2012c, p. 32). A cisão entre o saber científico e o pensamento metafísico é, para ele, um erro grave do espírito moderno. Em sua obra, a metafísica ressurge como uma exigência de sentido, como tentativa de pensar o mundo não apenas em seus mecanismos, mas em sua razão de ser. Como ele próprio escreve: “A ciência explica os fenômenos; a filosofia procura compreender o ser” (BRITO, 2012c, p. 58).

A metafísica, para Farias Brito, não é uma simples especulação abstrata, mas a fundamentação indispensável para o conhecimento pleno da realidade. Ela não compete com a ciência, antes a complementa, pois enquanto esta se ocupa dos fenômenos e de suas leis, a metafísica busca a essência e o fundamento do ser. A verdadeira compreensão do mundo requer, portanto, a reintegração do saber científico à reflexão metafísica, superando a divisão moderna que fragmentou o conhecimento e empobreceu a visão do universo. Essa reintegração é o que permite atribuir sentido e unidade à existência, restaurando a dimensão do absoluto que a ciência, isoladamente, não alcança (SANSON, 1984, p. 74-75).

Quanto ao positivismo, embora fosse dominante no imaginário acadêmico da juventude brasileira da época, visto como sinônimo de progresso, ciência e modernidade, sua influência sobre Farias Brito foi, no mínimo, ambígua. No norte do país, diferentemente do sul, o positivismo não se enraizou com profundidade. Como observa Laerte Ramos de Carvalho (1977, p. 50), ao analisar os *Estudos de Filosofia*, série de nove artigos publicados no jornal *Libertador* entre julho e novembro de 1886, é possível identificar ali traços de um “positivismo spenceriano”, ainda que moderado, no qual Farias Brito “corrigiu e atenuou as lacunas e excessos do sistema de Comte”. No entanto, essa leitura deve ser matizada. O que se encontra nesses textos não é uma adesão à ortodoxia positivista, mas um esforço crítico de confrontar seus limites, sobretudo no que se refere à exclusão do problema moral e metafísico.

A ética, assim compreendida, só pode se constituir a partir de um saber mais originário: a ontologia. A exigência da metafísica se impõe, pois, como condição da inteligibilidade do agir humano. Não há, para

Brito (2012c, p. 75), moral autêntica que não se inscreva numa filosofia do espírito, onde a razão reencontre sua vocação primeira de interrogar os fundamentos últimos do ser. Como assinala Matos (2012), o pensamento de Brito visa recuperar a “unidade perdida entre metafísica e ética, ciência e valor, conhecimento e ação” (p. 40).

É nesse ponto que sua crítica ao cientificismo e ao moralismo pragmático de sua época adquire densidade filosófica. Contra as abordagens que tentam fundar a moral exclusivamente nos dados da experiência ou nas exigências sociais, Brito reafirma o primado da razão metafísica. Para ele, “a filosofia é uma tentativa de reconstrução total do mundo interior do homem [...] a moral não é uma ciência empírica, mas uma consequência do princípio absoluto que rege o universo” (BRITO, 2012c, p. 135).

A interlocução crítica de Brito (2012a, 2012b, 2012c) com o pensamento moderno, especialmente com o positivismo e o criticismo kantiano, revela a singularidade de seu projeto. A crítica britiana não tem por alvo apenas os limites da ciência ou da moral prática, mas a cisão moderna entre ser e dever-ser, entre realidade e valor, que ele busca superar por meio de uma metafísica integradora. Sua filosofia moral distingue-se, assim, por sua exigência de fundamentação ontológica. Pensar eticamente, em sua perspectiva, é antes de tudo interrogar os princípios do ser, pois somente a partir da totalidade metafísica do real é possível compreender o sentido da ação.

Considerações finais

A análise do pensamento de Raimundo Farias Brito revela uma postura filosófica singular, marcada por um compromisso profundo com a metafísica como condição de possibilidade da razão e da ética. Ao longo de sua obra, observa-se que sua crítica não se limita a falhas metodológicas ou excessos teóricos das correntes dominantes, mas atinge o cerne do projeto moderno de conhecimento: a tentativa de reduzir a realidade a dados empíricos ou leis científicas, desconsiderando o princípio absoluto que confere inteligibilidade e unidade ao mundo.

Nesse contexto, a ruptura de Brito com o positivismo assume contornos centrais. Enquanto o cientificismo e a filosofia positiva buscavam homogeneizar o saber, afastando-o das questões últimas do ser, Brito reafirma a indispensabilidade da metafísica para qualquer reflexão verdadeiramente filosófica. A ciência, por si só, não pode abarcar a totalidade

da experiência humana, nem oferecer respostas adequadas às demandas éticas ou espirituais do sujeito. Como ele mesmo enfatiza, “a ciência só pode ser completa quando se liga à metafísica, porque só esta lhe pode dar unidade e finalidade” (BRITO, 2012c, p. 32). Esse enunciado não apenas critica o reducionismo positivista, mas inaugura uma perspectiva em que o conhecimento científico e o sentido existencial se encontram, articulando a razão, o valor e a experiência de maneira integrada.

A superação da cisão entre ciência e metafísica propõe, portanto, um modelo de filosofia que restabelece a coesão do saber e reafirma a centralidade do espírito no horizonte racional. A ética, nesse itinerário, deixa de ser mera aplicação normativa ou pragmática de princípios sociais e assume a forma de desdobramento do próprio fundamento metafísico do real. O agir moral não é um fenômeno isolado ou contingente, mas expressão da totalidade do ser, exigindo reflexão crítica sobre o sentido e a finalidade da existência.

As implicações dessa abordagem são profundas. Brito não apenas denuncia os limites do positivismo e do monismo científicista, mas propõe uma reconciliação radical entre ciência, filosofia e ética, estabelecendo um paradigma em que o conhecimento não se reduz à técnica, mas se orienta pela compreensão do absoluto. Em outras palavras, a modernidade, para ele, só se legitima quando a razão científica encontra seu ponto de apoio na metafísica, capaz de conferir sentido às leis, aos fatos e à experiência humana.

Por fim, a filosofia de Farias Brito nos oferece uma lição ainda contemporânea: a exigência de pensar a ciência não como fim em si mesma, mas como instrumento que se articula a uma compreensão maior do ser. Sua obra convida a uma reflexão crítica sobre a fragmentação do saber moderno e sobre a necessidade de resgatar a dimensão do absoluto, do espírito e da moral na construção de um pensamento verdadeiramente integral. Entre ciência e sentido, Farias Brito indica, assim, um caminho de ruptura e reconstrução, propondo uma filosofia que, longe de abandonar o rigor racional, reconhece os limites da técnica e reafirma a centralidade da metafísica como guia para o conhecimento e para a vida.

Referências

CARVALHO, Laerte Ramos de. Farias Brito e a filosofia no Brasil. 2. ed. São Paulo: Grijalbo, 1977.

Clássico estudo que examina a trajetória filosófica de Farias Brito, com destaque para sua relação com a metafísica e crítica ao positivismo.

OLIVEIRA, Jaimir Conte de. A filosofia como mediação entre a ciência e a religião: o projeto filosófico de Farias Brito. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 43, n. 103, p. 139–158, 2002.

SERRANO, Jônatas. Farias Brito: um pensador brasileiro. São Paulo: Nacional, 1942.

RIBEIRO, Délcio Vieira. Farias Brito: metafísica e espírito. Fortaleza: EdUECE, 2008.

Estudo centrado na articulação entre metafísica e espiritualismo no pensamento do autor cearense.

CARVALHO, Laerte R. A formação filosófica de Farias Brito. São Paulo: Saraiva, 1977.

SILVA, Francisco José. Farias Brito e a crise da modernidade. *Perspectivas*, v. 6, n. 1, p. 40-51, 2021.

PAIM, Antonio. A Filosofia Brasileira. Rio de Janeiro: Biblioteca Breve, 1999.

PAIM, Antonio. A meditação ética portuguesa: período moderno. São Paulo: Tempo Brasileiro, 2001.

MATOS, José Luiz de. Filosofia, ciência e valor: ensaios sobre a integração do conhecimento. São Paulo: Annablume, 2012..

BRITO, R. de Farias. A finalidade do mundo: estudos de filosofia e teleologia naturalista. Brasília: Senado Federal, 2012.

BRITO, R. de Farias. A Verdade como Regra das Ações. Brasília: Edições do Senado Federal, 2012a.

BRITO, R. de Farias. A Base Física do Espírito. Brasília: Edições do Senado Federal, 2012b.

BRITO, R. de Farias. O Mundo Interior. Brasília: Edições do Senado Federal, 2012c.

PAIM, Antônio. Filosofia no Brasil: uma história crítica. São Paulo: Edusp, 2001.

GALLO, Silvio. Crítica e Reconstrução da Razão Moderna. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

STURM, Fred G. Existencialismo e Fenomenologia em Farias Brito sob a

perspectiva de Fred G. Sturm. 1962.

SANSON, Vitorino Félix. *A metafísica de Farias Brito*. Caxias do Sul: Educus, 1984.